

Poesia

Orfeu

Poesia

Poesia

Poesia

Poesia

Poesia

Poesia

Poesia

Poesia

1948

nº 5

Yllar
48

Breve

AS ALGAS

de José Cesar Borba

O PRISMA

de Fred Pinheiro

O DESERTO E

OS NÚMEROS

de Edson Regis

EQUINÓCIO

de Fernando Ferreira

de Loanda

EDIÇÕES ORFEU

ORFEU

Revista Literária sob a
direção de:

FRED PINHEIRO

e

FERNANDO FERREIRA

Conselho consultivo:

LÉDO IVO

BERNARDO GERSEN

e

AFONSO FELIX DE SOUSA

Capa de Yllen Kerr

Sai em cada estação do ano

Correspondência para Fernan-
do Ferreira — Rua S. Luis
Gonzaga, 419 — Dist. Federal.

Exemplar Avulso: Cr\$ 7,00

Assinatura Anual: Cr\$ 25,00

Um roteiro seguro para o leitor de Balzac:

BALZAC E A "COMÉDIA HUMANA"

Por PAULO RÓNAI

Um volume da Coleção Tucano — Cr\$ 20,00

EDIÇÃO DA EDITORA GLOBO

A venda em tôdas as livrarias ou pelo Reembolso Postal

Agência-Depósito no Rio de Janeiro:

RUA MÉXICO, 128 - 1.^a SOBRELOJA N.º 1

PROCURE RENOVAR A SUA ASSINATURA

ORFEU

PRIMAVERA

No. 5

1948

*H*A, NA HISTÓRIA DA inteligência brasileira contemporânea, três marcos vivos: 1922, 1930 e 1944, testemunhos de três movimentos, o modernismo, o post-modernismo e aquêle a que pertencemos, já batizado — não por nós — de “néo-modernismo”. Constituem essas referências históricas três estados de espírito que se defrontam, se combatem e confluem, certo é que êles formam, vistos do alto, um complexo harmonioso que se nutre de seus próprios antagonismos.

Entretanto, cumpre acentuar inicialmente que a nova geração brasileira, instintivamente, foi buscar no marco de 1922 as suas forças e as suas repulsões, e isto é facilmente explicável em vista de serem os modernistas aquêles que, embora desordenadamente, podem oferecer um corpo de idéias e um sistema estético mais poderosos, que às vêzes se contradizem no amadurecimento de seus líderes. O exemplo de um Mário de Andrade, como organização de inteligência e construção de uma poética, só por si bastaria para justificar um movimento.

É pensando na ação pioneira do modernismo, em sua concepção de ordem coletiva e nos caminhos pessoalmente atingidos pelas suas mais altas expressões, que ORFEU ora se propõe a apresentar numa confrontação uma antologia do que 1922, 1930 e 1948 podem oferecer de melhor — a Poesia.

Esta apresentação de poemas tem o objetivo de mostrar a pujança dos jovens poetas mais representativos de 1948 em suas ligações com o movimento de que êles decorrem em grande parte, e em suas afirmações pessoais de libertação e busca de novos caminhos. Este desfile de poemas atesta simultaneamente semelhança e diferenças.

O que, porém, advogamos para nós é a liberdade de existir, desde o início. Existir na imaturidade, antes da obra construída, numa antecipação do que seremos. Existir na evidência de que re-

O R F E U

presentamos um novo estado de espirito, um novo estádio da criação artistica.

Reconhecemos o papel histórico desempenhado pelo modernismo. Mas com a mesma força e coragem reconhecemos a sua superação, extinta a parte perecível, evidente, digna e grandiosa a parte que ficou a testemunhar sua importância.

Uma geração se firma com o que ela, embora negando ou ocultando, continua, e principalmente com o que ela cria, isto é, com a sua mensagem. Dentro desse raciocínio, reconhecemos que temos o modernismo, como uma encruzilhada de nossos destinos, mas naturalmente não o teremos quando começarmos a existir fora dos passos iniciais.

Uma geração que se nutre de fantasmas é uma geração morta.



CANÇÃO VAI-E-VEM

EM ROSA clara te vi,
Rosa morta te deixei.
Em rosa clara algum dia,
Te verei.

Na lua vinda te fiz,
Lua finda te entreguei.
Eras ela ou te seria,
Saberei.

Em noite larga te ardi,
Madrugada te apaguei.
No retôrno que te viva,
Te amarei.

PAULO ARMANDO

CARTAZ

Guilherme de Almeida

*P*AISAGEM nítida de decalcomania.
No arrabalde novo todo cheio de dia
os "bungalows" apinham-se como cubos brancos.
Nos jardins, sôbre os bancos
de travessas verdes e paralelas
o sol e as folhas jogam bolas amarelas.
Os grandes toldos listados e baixos
põem uma luz estilizada nos terraços.
A sombra forte decalca rigorosamente
as pérgolas geométricas sôbre a areia quente.

E pregada no dia branco a paisagem colonial
grita violentamente
como um cartaz moderno num muro de cal.

MORMAÇO

*C*ALOR. E as ventarolas das palmeiras
e os leques das bananeiras
abanam devagar
inútilmente na luz perpendicular.
Tôdas as coisas são mais reais, são mais humanas:
não há borboletas azuis nem rôlas líricas.
Apenas as tatouranas
escorrem quase líquidas
na relva que estala como um esmalte.
E longe uma última romântica
— uma araponga metálica — bate
o bico de bronze na atmosfera timpânica.

"Obras primas da lírica brasileira", Manuel
Bandeira, Livraria Martins Editora,
São Paulo — 1943.

CANTIGAS DE AMOR

I

À BEIRA de um rio verde,
Ai, senhora,
À beira de um verde rio
Meu amor deitou raízes.

À sombra dêste silêncio,
Ai, senhora,
À sombra dêste silêncio
Minha espera se fixou.

Cem anos para dar sombra
A êste rio,
Cem anos para beber
A seiva dêste silêncio.

II

ESTA saudade insofrida,
Mais que saudade, senhora,
É vontade de aqui tê-la.

Se parto levo comigo
Vontade tal, mas se fico
Ainda é saudade, senhora.

Mais que saudade, senhora,
É constância de querer-lhe,
Esta vontade insofrida
Que levo por onde fico.

DARCY DAMASCENO.

PROCISSÃO DO ENTÊRRO

Oswald de Andrade

*A VERÔNICA estende os braços
E canta
O pálido parou*

*Todos escutam
A voz na noite
Cheia de ladeiras acesas.*

DITIRAMBO

*MEU AMOR me ensinou a ser simples
Como um largo de igreja
Onde não há nem um sino
Nem um lapis
Nem uma sensualidade.*

“Obras primas da lírica brasileira”

NA PÉTALA, O AZUL

ROSAS impassíveis
Velando
A imobilidade altiva
Da marmórea tumba.

Sob os álamos balouçantes
Uma lira arpeja.
Uma ode nasce
Enquanto dorme o poeta.

Trêmula pétala
Sôbre a tumba cai.
— Rubra lágrima
Da princesa ausente.

As serenas rosas
Dia e noite
Velam
O poeta e o mármore.

FRED PINHEIRO

COMPROMISSO

*EU SEREI um túmulo
Para o teu segrêdo,
Que guardado está.*

*A noite mais negra
Baterá o martelo
Do vento mais rijo
Nesta pedra muda:
Quem será que mora,
Nesta pedra muda,
Que tão muda está?*

*Mas o meu silêncio
Nada lhe dirá.*

*E já as formigas
Cobrirão meus olhos
E êstes musgos verdes
Estarão crescendo
Fora das paredes.
Mas o meu silêncio
Nada lhes dirá.*

DILEMA AVOENGO

UMA âncora
na retina. E espumas
nas veias vagando
E na insônia
um gajeiro na gávea
brumosa, guaiando.

Angústia de cristal
desfeito, alienado
ao arbítrio insigne
da acerba mágoa
nos sulcos lavrados
pela nau em destêrro.

Bater de aflitas asas
estrangeiras, e mágoa
de deuses diluida
nos homens. Em mim.

Pássaros em tormenta
inseridos asas abertas
na nave. Fartum de peixes
tostados, nas escarpas
de recifes não pressentidos.

O R F E U

*Virá a alva louca:
Quem será que mora
Nesta pedra tôca
Que tão muda está?
Mas o meu silêncio
Nada lhe dirá.*

*Bôca costurada
Pelo meu silêncio,
Pode a madrugada
Me trazer seus pássaros,
Suas rosas rubras,
Que serão perguntas
Sem repercussão.*

*Mesmo algum cipreste
Crescerá alto e fino
Como longa espada
Por alguém cravada
No meu coração.*

*Mas o meu silêncio
Nada lhe dirá.*

Cassiano Ricardo

“Obras primas da lírica brasileira”

O R F É U

Plumas e escamas
o mar ensangüentando
a lembrarem pétalas
Ó estranha mensagem
estranho mar, estranho caminho
que estranha bússola
me leva a ti.

Uma âncora
na retina. E espumas
nas veias vagando
E na insônia
um gajeiro na gávea
brumosa, guaiando.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

ADEUS À MENINA AFOGADA NO RIO

Ribeiro Couto

*N*ÃO tenhas medo de partir para as alturas,
Não tenhas medo do que faças, do que digas,
Tua boca é inocente e tuas mãos são puras.

*Não tenhas medo! Não verás nem chão nem casas
Nesse longo caminho até junto às estrêlas,
Mas, por vêzes, encontrarás meninos de asas.*

*Não tenhas medo do trovão que rola irado,
Não tenhas medo dos coriscos pela treva,
Nem do rio de fogo: hás-de passá-lo a nado.*

*E ganharás, após tanta dificuldade,
Um potrinho para correr campos de nuvens
E uma barca para vogar na eternidade.*

“Obras primas da lírica brasileira”

SONETO N.º 9

NÃO só a inútil espera. Ainda resta um sentido
de palavras que resistiram às gargalhadas e ao gêlo.
São anjos boiando no lodo, canções que se salvaram
do despêro coletivo. E nelas esperamos.

Um anúncio raiou na manhã, rói as paredes,
incendeia as árvores crescidas na ferrugem.
Olhai como se apagam os vestígios de nossos pais,
e já entendemos a areia onde secaram os prantos.

Como tremem os terraços de sólidos edifícios.
Os bonecos se incensam com mêdo, conspiram
em lúgubres banquetes, e dormem com a cabeça no cáos.

Vamos, que é tarde. Não sejamos uma estátua
entre deuses e templos em ruínas. Canta a esperança
nas mulheres grávidas. Ah, colheremos a aurora.

AFONSO FELIX DE SOUSA

ADEUS, POESIA

Jorge de Lima

*SENHOR Jesus, o século está podre.
Onde é que vou buscar poesia?
Devo despir-me de todos os mantos,
Os belos mantos que o mundo me deu.
Devo despir o manto da poesia.
Devo despir o manto mais puro.
Senhor Jesus, o século está doente,
O século está rico, o século está gordo.
Devo despir-me do que é belo.
Devo despir-me da poesia,
Devo despir-me do manto mais puro
Que o tempo me deu, que a vida me dá.
Quero leveza no vosso caminho.
Até o que é belo me pesa nos ombros,
Até a poesia acima do mundo,
Acima do tempo, acima da vida,
Me esmaga na terra, me prende nas coisas.
Eu quero uma voz mais forte que o poema,
Mais forte que o inferno, mais dura que a morte:
Eu quero uma força mais perto de Vós.
Eu quero despir-me da voz e dos olhos,
Dos outros sentidos, das outras prisões,
Não posso Senhor: o tempo está doente.
Os gritos da terra, dos homens sofrendo
Me prendem, me puxam — me dai Vossa mão.*

“As melhores poesias brasileiras”, Alberto
de Serpa, Portugália Editora, Lisboa
— 1943.

CÂNTICO

NO INÍCIO te busquei intacta
nos retratos antigos de minha mãe, na colega que partiu.
Chegavas de ti mesma para o meu sono e o meu sonho
com tua beleza abrigada por brumas da infância
e meu olhar por detrás das lágrimas.
resto de um carnaval triste de chuva e sem fantasia.
Um piano de rodas partidas dentro da tarde
nos deixava ancorados no silêncio
como areia caindo sôbre os sentidos na insônia marcando um
[tempo na sombra.

Barcos velejavam no azul do céu,
pórtico para teu corpo, onde meu silêncio já seria uma inscrição
[de fogo.

Manso como um seio,
um rebanho descia a montanha
enquanto flautas dissolviam a memória em valsa.
Eram teus os joelhos da adolescente no trapézio prêso ao céu
[da infância sem sexo,

a vida da filha sem a parábola do retôrno
e a bôca da professôra que me pedia flores.
Eras a imigrante das noites de baile e imaginação
habitando azul o corpo entre meus braços,
mas tuas mãos caíam no meu recolhimento
sem acenos, sem adeuses, nem mistérios.
Partindo de mim e de ti
estátuas sem fim ilimitariam o mundo
e as jovens regressariam à sua beleza.

WILSON DE FIGUEIREDO

INFÂNCIA CALMA DE CÔRES
APAGADAS

Sérgio Milliet

*I*NFÂNCIA calma de côres apagadas
de curvas mansas
e o contraste da mocidade aventureira.
Hoje essa idade entre duas idades
onde passa um gôsto de saudades.

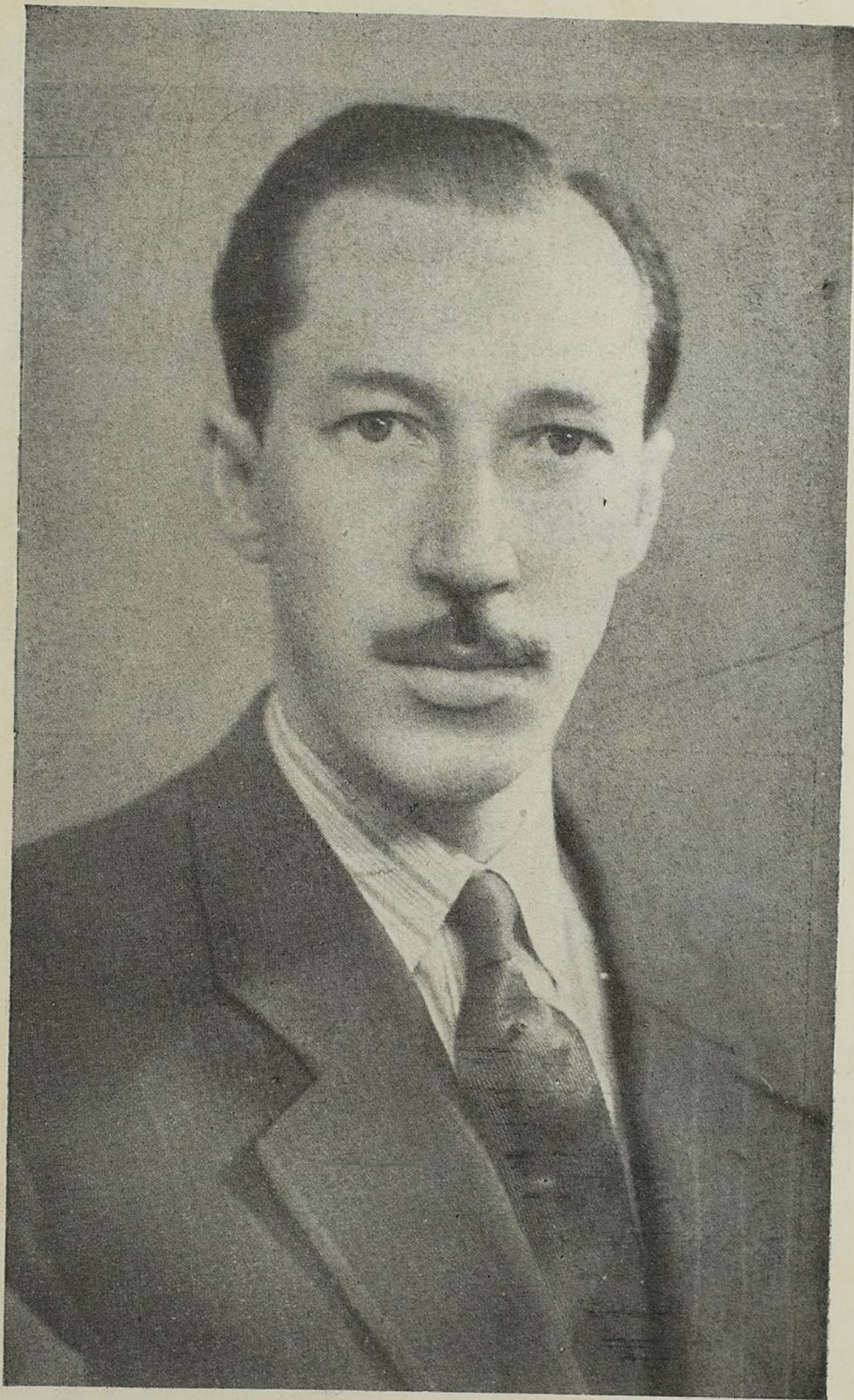
ÊSSE VAZIO QUE NADA ENCHE

*Ê*SSE vazio que nada enche
nem lembrança de você...
Êsse vazio que só se enche
com a ausência de você...

AUSÊNCIA

*T*EREI ainda êsse grito de vitória
Tão duramente conquistada
Ou essa ausência me fará tão tênue
Na intimidade do teu corpo
Que já não sobre de mim quando voltar
Mais que a importuna recordação?

“Obras primas da lírica brasileira”



BUENO DE RIVERA



FRED PINHEIRO



MAURO MOTA

AS NUVENS

AS NUVENS são cabelos
crescendo como rios;
São os gestos brancos,
Da cantora muda;

São estátuas em vôo
À beira de um mar;
A flora e a fauna leves
De países de vento;

São o olho pintado
Escorrendo imóvel;
A mulher que se debruça
Nas varandas do sono;

São a morte (A espera da)
Atrás dos olhos fechados;
A medicina, branca!
Nossos dias brancos.

P O E S I A

O' JARDINS enfurecidos,
Pensamentos, palavras, sortilégio,
Sob uma lua contemplada; ,
Jardins de minha ausência
Imensa e vegetal;
Ó jardins de um céu
Viciosamente freqüentado;
Onde o mistério maior
Do sul, da luz, da saúde?

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

T I M I D E Z

Cecília Meireles

*B*ASTA-ME um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...

— mas só êsse eu não farei.

Uma palavra caída
das montanhas dos instantes
desmancha todos os mares
e une as terras mais distantes...

— palavra que não direi.

Para que tu me adivinhes,
entre os ventos taciturnos,
apago meus pensamentos,
ponho vestidos noturnos,

— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,
os mundos vão navegando
nos ares certos do tempo,
até não se sabe quando...

— e um dia me acabarei.

“Obras primas da lírica brasileira”.

E L E U S A

MÃE da beleza e de ternura,
Ouve na tarde a nossa voz.
No prado morto, ó rosa pura,
Ora por nós!

Se ausente vamos do caminho
E o nosso sonho é vão demais,
Senhora mãe, o pão e o vinho
Dá-nos e a paz!

Na casa longe, guarda indene
À nossa prece o aceno teu,
Embora tudo nos condene,
Dá-nos o céu!

É pobre sempre quem entrega
A vida inteira cada dia.
Ao teu menino, mãe, não nega
Tua alegria!

MARCOS KONDER REIS

O AMOR SEM CONSÔLO

Murilo Mendes

I

*N*ÃO QUERO me livrar de ti
Só não te perdôo porque não me dás a amargura absoluta
Não tens o poder de me matar com uma palavra com um olhar
E a minha esperança e o meu desespero
Não estão fundados em ti.
Antes de te conhecer Deus já me havia fulminado
Não és meu punhal nem meu bálsamo!
Eu não sou mais do que um rejeitado de Deus, de ti, — e de mim.

II

*Talvez eu ame em ti, o que tens parecido comigo
Talvez eu ame em ti o amor ao inacessível
A solidão e o vazio de quem nada espera dêste mundo
A tristeza de quem sabe que nenhum anjo virá para o consolar.*

III

*Berenice! Berenice!
Existes realmente? És uma criação da minha insônia, da minha
[febre
Ou a criadora da minha insônia, da minha febre?
Berenice! Berenice!
Por que não terminas tua crueldade, dando-me a palavra de
[vida
Ou por que não comesças tua ternura, impelindo-me para o sui-
[cídio?*

CÂNTICO DA INDOLÊNCIA

TUAS astúcias na sombra: seios acolhidos
pelo esplendor de maio, que minhas mãos precipitam.
Te amo agora como jamais. É preciso que a noite
caia sôbre a cidade, e beba o vento, e deseje.

Minha oração no suor: porque teus dentes
não deixam marcas de silêncio em tudo o que nos cerca?
Há festas em teus cabelos, e trabalhos em tuas pernas
e cânticos de primavera em teus joelhos mortais.

Canto com os olhos abertos, e a vertigem não me abate.
Céus azuis só em ti, ó pantera de canção e desmaio.
Piedade para mim que te amo na incerteza, e recupero
no momento do compromisso as ausências injustas.

Tempo antigo em meus braços: desfraldo velas ao Acaso
e as horas de exceção te desfazem e te informam.
Soluça em meu peito, ó árvore, e sorri sem sentido
que sei valorizar o menor de teus gemidos.

Não temos necessidade da noite para que os humanos sentidos
se desagravem no amplexo imotivado. E os despojos
de nosso encontro poluto sabem repelir o sono. São
os cânticos que entoam os famintos. São tristezas.

Teus olhos choram por mil anos. Venha a noite da baía!
Após os grandes temores, o encontro é sempre assim
e tens de chorar por ti, e tens de chorar por mim
até que desabroches, nua, na alegria.

O R F E U

IV

*Minha amiga cruel e necessária, Berenice!
Deixa-me descansar a cabeça no teu seio
E sonhar um instante que não existo
Que não existes, que não existe Deus,
Nem o mundo, nem Satã, nem a vida, nem a morte.*

V

*Eu te acompanho em teus anseios e em teu tédio...
Eu te olho com olhar de quem herdou a solidão
Porque nunca estás em mim e comigo.
A natureza nos separou
Sòmente o sobrenatural poderá nos unir.*

“Obras primas da lírica brasileira”

O R F E U

Te doto com as carícias que o fim da tarde explica.
Deitada, separas os naipes da imagem e do tempo,
mas não te quero olhando as luzes da cidade.
Quero-te junto a mim, apoiada ao precário.

Não pensando na infância, no amor, nem atenta
aos desejos que cruzam nossa eterna indolência.
Quero-te sem palavras e sem vestido, e rendida, e selvagem,
pantera estranha que se desfaz firmada em realidades.

LÊDO IVO

M O R T E

Murilo Mendes

*É DOCE o pensamento da morte
Quando o corpo exausto de prazer ou de dor
Sofre os seus limites.
É doce o pensamento da morte
Quando o espírito enfraquecido pela revolta
Não se aplaca nem mesmo diante de Jesus.
Morte, suave música da morte,
Devolve-me ao sono inicial de antes do pecado.*

*Não quero o côro dos anjos nem a palma da glória.
Talvez eu queira o nada absoluto.
(Até mesmo o pensamento da morte ainda é vida!)*

O IMPENITENTE

*NÃO acho consôlo no meio dos outros.
Homens, tenho convosco a relação da forma.
Nuvem sólida, rosa virginal, água branca
E tu, grande sinfonia aérea,
Pertenceis aos anjos, não a mim.
Eu digo ao pecado: Tu és meu pai.
Eu digo à podridão: Tu és minha irmã.*

*A presença real do demônio
É meu pão de vida cotidiano.
Minha alma comprime a aleluia gloriosa.*

*Hóstias puras,
Inútilmente vos ergueis sôbre mim!*

“Obras primas da lírica brasileira”

A M O R T E

SENHORA de si, passava
esculpida no coche.

Lágrimas no luto,
inscrições douradas,
os amigos rindo
em conversas alheias
à morte.

Na calçada, um galo
que não sabia o que era morte,
e eu. A mocidade em mim,
mas já vergado ao pêso de tôdas as nuances.

Flores, só roxas, na mão de uma menina
que tinha olhos.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

APROXIMAÇÃO E SÚBITO AFASTAMENTO

A CALMA veio nos olhos que cruzaram a tarde.
Tôdas as estradas estavam chegando de longe, de onde rolam
[valsas.

E estavam macias como revoadas de asas brancas.

Os ventos cantando para os barcos.

Súbito,
Uma visão de rodas andando sôbre flores
E um frio caindo para sempre na lembrança.

WILSON DE FIGUEIREDO

OS MORTOS DE SOBRECASACA

Carlos Drummond de Andrade

*H*AVIA a um canto da sala um álbum de fotografias intole-
[ráveis,
Alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,
Em que todos se debruçavam
Na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes
E roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos re-
[tratos.
Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava
Que rebentava daquelas páginas.

"As melhores poesias brasileiras"

AS CARPIDEIRAS

AS CARPIDEIRAS oficiais seguem o vosso entêrro imaginário,
depositam flores no mausoléu futuro.

Estão lívidas
e seus olhos de pedra choram como fontes.

Pairam sôbre os leitos. Nos seus ombros
rolam os cabelos mortuários.

Elas vos oferecem os salmos da agonia,
escrevem os vossos bilhetes suicidas,
dão-vos a cerveja fatal, mostram o revólver no espelho.

Estão junto a vós como convivas
do mesmo almôço, bebem no mesmo copo,
confrontam vossos cronômetros. São lúcidas.

No poço do caminho vos esperam,
vestidas de crepúsculo.

BUENO DE RIVERA

B Ô C A

Carlos Drummond de Andrade

*BÔCA que nunca beijarei
bôca de outro, que ri de mim,
no milímetro que nos separa
cabem todos os abismos.*

*Bôca que o meu desejo
é impotente para fechar
e que sabe disso, zomba
de minha raiva inútil.*

*Bôca amarga porque impossível,
bôca doce que não provarei,
ri sem beijo para mim,
beija outro, com seriedade.*

“Obras primas da lírica brasileira”

TRENO PARA MAURO MOTA

DÓI-ME na lembrança
na quietude do cais
a lembrança do Recife
onde triste, a criança
que eu fui, chorava
como nunca e jamais.

Dói-me na lembrança
o oceano ao largo
de onde vim dalém
para um outro além
no céu fundido ao mar.

Dói-me na lembrança
o ancoradouro que fugia,
da moça a lembrança
esfumada, acenando
nos olhos da criança.

Sinto em mim Recife
dos meus doze anos
onde minha infância
morreu, no lenço azul
da moça que ficou
doendo na lembrança.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

CANTIGA DO VIUVO

Carlos Drummond de Andrade

A NOITE caiu na minha alma,
fiquei triste sem querer.
Uma sombra veio vindo,
veio vindo, me abraçou.

*Era a sombra de meu bem
que morreu há tanto tempo.*

*Me abraçou com tanto amor
me apertou com tanto fogo,
me beijou, me consolou.*

*Depois riu devagarinho,
me disse adeus com a cabeça
e saiu, fechou a porta.
Ouvi seus passos na escada.
Depois mais nada... acabou.*

“Obras primas da lírica brasileira”

A CONTEMPLAÇÃO

SE A MOÇA ri, ofereço-lhe
meu presente em seu passado,
vãos prodígios onde cresço
(entre imagens) transtornado.

E se ela dorme, não digo
que a velo em embalo, presente.
Vou-me embora, vou contigo
em busca do antigamente.

E se ela sonha, a alquimia
do imaginário atenua
sua pureza. De dia
vestida, e à noite nua.

E se ela dança, o edifício
da arte poética estremece.
É somente no artifício
que a eternidade nos tece.

E se ela canta, devolvo
à terra a minha linguagem.
No ser que a informa, dissolvo-me.
E ela dorme, sendo imagem.

LÊDO IVO

SONETO Á LUA

Augusto Frederico Schmidt

*V*ENS chegando de longe, tão cansada,
Tão frágil e tão pálida vens vindo,
Que pareces, ó doce Lua amiga,
Vires tangida pelo leve vento.

*Pelo vento gentil que está soprando
Tu pareces tangida, como um barco
Com as suas louras velas enfunadas,
E vens a navegar nos altos mares...*

*Atravessando campos e cidades,
Quantas artes e sortes não fizeste,
Ó triste Lua dos enamorados!*

*Quantas flores e virgens distraídas
Não seduziste para a estranha viagem
Por êsse mar de amor, cheio de abismos!*

“Obras primas da lírica brasileira”

SONETO DO FACHO IMÓVEL

QUEIMEI as mãos no sol de um casario
Que nem pudera revelar mais puro.
Alto, saudoso, intangido muro,
Onde com o céu rolei, num calafrio.

Brasa de estrêla, crepitar macio
De facho imóvel no silêncio escuro:
Sonho remoto vindo de um futuro
Que muito mal nas mãos desfaço e crio.

Queimei-as na insofrida claridade
Que desnudava as únicas janelas
Abertas sôbre o beco friorento.

Uma aflição de ausente, uma saudade
De azul perdido e flores amarelas,
Restos de morte, patamar cinzento...

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

SONETO DE LUCIANO

Augusto Frederico Schmidt

*S*EU olhar se fechou para êste mundo
Para a Branca de Neve e os Sete Anões,
Para as estrêlas, para os pássaros cativos,
Para o mar tão azul e as montanhas e os céus.

Seu olhar se fechou para as florestas
Onde há tigres e leões na noite escura,
Para os campos em flor e para as mansas
Ovelhas do Senhor, quietas e humildes.

Seu olhar se fechou, e a noite veio
E envolveu o seu corpo pequenino,
Tão mal coberto para tanto frio.

E êle se foi, com seu olhar inquieto
Cheio de assombrações e de segredos,
À procura, talvez, de outros brinquedos.

“Obras primas da lírica brasileira”

ELEGIA N.º 1

VEJO-TE morta. As brancas mãos pependentes.
Delas agora, sem querer, libertas
A alma dos gestos e, dos lábios quentes
Ainda, as frases pensadas só em certas

Tardes distantes. Sob as entreabertas
Pálpebras, sinto em teu olhar presentes
Mundos de imagens que às regiões desertas
Da morte levarás, que a morte sentes

Fria diante de todos os apelos.
Vejo-te morta. Viva a cabeleira,
Teus cabelos voando! ah! teus cabelos!

Gesto de desespêro e despedida,
Para ficares de qualquer maneira
Pelos fios castanhos prêsa à vida.

MAURO MOTA

M A R

Augusto Frederico Schmidt

QUERO sentir o grande mar, violento e puro.
Quero sentir o mar noturno e enorme.
Quero sentir o silêncio, o áspero silêncio do mar!
Quero sentir o mar! Quero viver o mar!

Quero receber em mim o grande e escuro mar!
Não o mar-caminho, mas o mar-destino,
O mar, fim de tôdas as coisas,
O mar, tûmulo fechado para o tempo.

Quero o mar! O mar primitivo e antigo,
O mar virgem, despovoado de imagens e de lendas,
O mar sem náufragos e sem história.

Quero o mar, o mar purificado e eterno,
O mar das horas iniciais, o mar primeiro,
Espelho do Espírito de Deus, rude e terrível!

“Obras primas da lírica brasileira”

SONÊTO DE ABRIL

AGORA que é abril, e o mar se ausenta
secando-se em si mesmo como um pranto,
vejo que o amor que te dedico aumenta
seguindo a trilha do meu próprio espanto.

Em mim, o teu espírito apresenta
tôdas as sugestões de um doce encanto
que em minha fonte não se dessedenta,
por não ser fonte d'água, mas de canto.

Agora que é abril, e vão morrer
as formosas canções dos outros meses,
assim te quero, mesmo que te escondas:

Amar-te uma só vez tôdas as vêzes
em que sou carne e gesto, e fenecer
como uma voz chamada pelas ondas.

LÊDO IVO.

PELA MADRUGADA

MEU segredo é morto —
Não estamos sós —
Um deus absorto
Mas não temos voz.

Porque, aurora,
Sorris pelas landes?
Eu não quero agora
Sentimentos grandes.

Tive umas certezas
Tive uma alegria
Tive umas tristezas
E alma vadia.

Tu, meu companheiro,
Tu tens a loucura
Amor verdadeiro
E desenvoltura.

Para que não fale
Fiz esta canção —
Mistério do vale,
Pesar, solidão.

PAULO MENDES CAMPOS

QUATRO NOVIDADES IMPORTANTES

que, na Coleção Nobel, a EDITORA GLOBO apresenta
ao público brasileiro

Charles Morgan, RETRATO NUM ESPELHO Cr\$ 40,00

Tradução de Lino Valandro.

Este romance que ganhou na França o prêmio Fémina-Vie Heureuse constitui o prólogo de *A Fonte e Sparkenbroke*, dois livros que obtiveram êxito invulgar entre o público culto do Brasil.

William Faulkner, LUZ DE AGÔSTO Cr\$ 50,00

Tradução de Berenice Xavier.

O maior romancista da América do Norte, na opinião de André Gide, deu neste romance "uma novela policial elevada à altura da tragédia grega". (Maurois).

W. Somerset Maugham, MAQUIAVEL E A DAMA Cr\$ 30,00

Tradução de Érico Veríssimo.

Como mostra o título original *Then and Now*, essa deliciosa comédia histórica, cujos protagonistas são Maquiavel, César Bórgia e, naturalmente, uma dama, é um pouco de todos os tempos.

Virginia Woolf, ORLANDO Cr\$ 35,00

Tradução de Cecília Meireles.

Sucessivamente homem e mulher, Orlando representa a experiência do indivíduo nas diferentes situações em que a natureza o coloca no mundo.

À venda em tôdas as livrarias ou pelo

REEMBÔLSO POSTAL

Agência da Editôra Globo no Rio de Janeiro:

Rua México, 128, 1.^a sobreloja n.º 1

BOI-TATÁ

Augusto Meyer

QUENTURA dos mormaços que impregnaram as carquejas.
Nem um sôpro leve entre as furnas e as moitas.

Noite, grande noite — a rancharia adormecera
Como um sono sem sonhos no coração da noite.

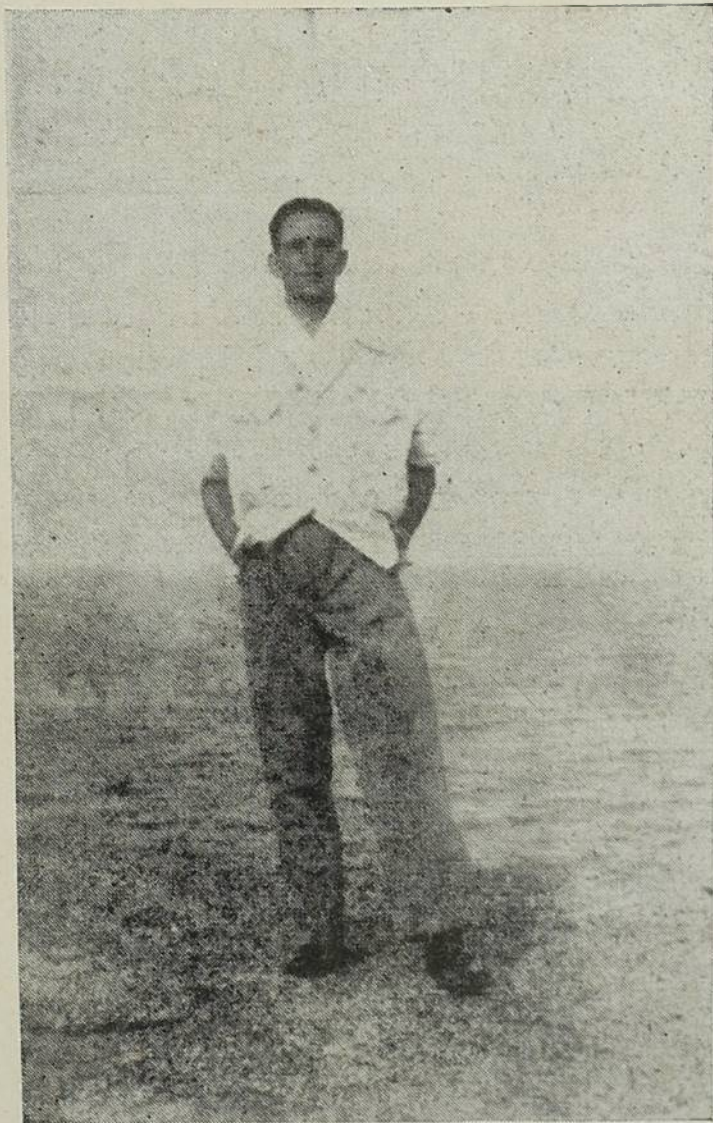
Téu-téu! Téu-téu!
(T'esconjuro!)
Téu-téu!

Boi-tátá t'esconjuro!
No escuro
Uma chama vai rabeando — leve, lambe, amarela,
A macega na lomba, enrosca-se em bola,
Em coleios se desenrola e rebola, rabiosa,
Amanhece, azulece...

Téu-téu! téu-téu! — Boi-tátá!

Boi-tátá na água dos mananciais,
Fogo maldito que não queima como fogo,
Na bruma dos mormaços que impregnaram as carquejas,
Quando a rancharia adormecer negra, negra,
Como um sono sem sonhos no coração da noite...

“Obras primas da lírica brasileira”



DARCY DAMASCENO



FERNANDO FERREIRA DE LOANDA



WILSON DE FIGUEIREDO

CAMPOSSANTO

SÔBRE DE ROSAS amarelas a pintura,
Deitado em leito negro e na ventura
De ser no chão do sono imóvel face
A muda e irrevelada formusura
No ritmo da paz guarda a figura
De íntimo segrêdo e me reveste
Em túnica talar de morta herança.

No lívido repouso da colina,
Voltado para o mar,
Hei-de esperar-te o sôpro na tardinha,
Se a brisa freme rosas como agora
E o brando sol resvala nas corolas
Amarelado adeus de vã neblina.

MARCOS KONDER REIS

POESIA MARÍTIMA.

Adalgisa Nery

O MAR VEIO chegando, chegando
E esticou-se sôbre a areia como um corpo que procura outro.
O cheiro das algas misturou-se com o calor das camadas
Aquecidas pelo sol da primeira madrugada
E invadiu tôdas as folhas das árvores
E a raiz das palmeiras agarradas nos penhascos.
Me senti a mulher branca transparente
Com olhos côr do ar,
Atirada na praia, coberta de conchas e espumas do mar
Cirandei com as estrêlas e ouvi os caramujos,
Chamei com os braços
Gaiotas que em meu corpo quisessem pousar.
Conheci a intimidade das conchas abertas,
Cantei preces que aprendi com os afogados
E gemi com o vento no mastro das galeras
A mulher branca e transparente
Com os olhos côr do ar,
Que dorme na areia,
Sou eu, a filha do sol e das águas do mar.

“Obras primas da lírica brasileira”

CÂNTICO

DO TEU corpo nasce um lírio
que se dissolve num lago
onde um cisne de marfim
persegue estrêlas e carpas.
Onde o sol molha no frio
das águas o rosto ardente.
Onde os salgueiros mergulham
as pontas da rama verde.

Do lago desponta a noite
com sua face de ardósia,
engalanada de círios
e perfumada de morte.
Da noite nasce um relâmpago
com sete pontas de luz:
sete espadas para manchar
de sangue o ventre da lua.

Teu corpo é assim: como as ondas
de um mar rouco, em desvario,
de onde me assalta, em sua fúria,
o monstro do Apocalipse.
Cardo de agudos espinhos
ou sensitiva de carne,
teu corpo é um trigal de lanças
e morre ao toque dos lábios.

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

BALADA DE EMILY BRONTË

Tasso da Silveira

NO MORRO do Vento Uivante
o vento passa uivando, uivando...

No morro do Vento Uivante
há um velho casarão sombrio
cheio de salas vazias
e corredores vazios...
A noite tôda uma porta
geme agoniadamente;
Pelas vidraças partidas
silvam longos assovios;
no ar de abandono e de mêdo
passam bruscos arrepios...

No morro do Vento Uivante
o vento passa...

Emily Brontë

Não pares a história... Conta!
Conta, conta, conta, conta!
Dá-me outra vez aquêlo mêdo
que encheu minha infância morta
de sonhos e de arrepios...

No morro do Vento Uivante...

Depois que os anos passaram
como ficaram meus dias
vazios... vazios...

"Obras primas da lírica brasileira"

POEMA PARA EMILY BRONTË

V ENTANDO, folhas esquecidas
que instantes foram
fluindo
no espaço de um minuto
maior e mais profundo
que o eterno.

Vem no vento, vem
do vento
muda flor do adeus
aberta na dor, quando
as portas e os horizontes
comigo, com meu tédio, me
fecharam.

Não os recolhessem as árvores
com suas selvagens antenas
e não me buscasse a mim entre sombras
aprisionadoras e prisioneiras
e os fundos acordes
daquele, dêste adeus, longe
de mim, e muito, cantariam hoje
na alma errante de algum rio.

Meu amor está em mim, está em mim
o adeus que pronunciar não pude
na fronteira entre o amor
e a dor
e a poesia.

O R F E U

Em mim está o adeus, mas não é o
vento, ventando, que
chora?

Que chora... Chora, desgraçado
irmão, em mim gerando vozes
das mais longes regiões
do mar, da morte.

Ventava no meu berço, som
de espanto inocente
ventando
no atalho impreciso
da infância.

Ventava sôbre os caminhos
de ásperas curvas, ventava
no nada a que os caminhos
me conduziram.

Ventava, como ventava
no amor que por um instante
me salvou
e para sempre
me perdeu.

Ventando, alma da natureza
ventando. Dentro de mim a alma
ventando. A voz que não soou
no adeus de que parte a poesia
e além do meu túmulo
devassa o eterno, vem
no vento, vem do vento
ventando, ventando.

AFONSO FELIX DE SOUSA

A FONTE

ARCOS voltaicos iluminam a última gargalhada,
o sulco da vitória a marcar a inexpressiva
máscara de gesso — sinistro troféu
ou talvez a máxima glória,
a lembrar a desfiguração da infância
no retôrno à sua origem.

O olhar opaco interroga os presentes
que, da morte ausentes, confabulam.
Sorrisos flutuam adocicados
por entre as flores da náusea.

Da radiola — a lítica amante —
ressuscitando a serenidade perdida,
o canto gregoriano desdobra-se
invadindo o território do sono.

As notas oceânicas de um órgão
coroam a última visão
da máscara de gesso
na impassibilidade final.

FRED PINHEIRO

O "PRÊMIO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL"

Um interessante concurso está sendo promovido pelo IPASE — Prêmios de 30, 20 e 10 mil cruzeiros para os três melhores trabalhos — Uma excelente oportunidade para escritores, técnicos e estudiosos que pertençam ao serviço público

O Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado acaba de instituir o "Prêmio de Previdência Social", destinado a estudos e monografias inéditas sobre o seguinte tema: "*Seguro Social — O mais eficiente regime de previdência da família do funcionário*".

A este concurso poderão concorrer todos os funcionários públicos que sejam segurados obrigatórios do IPASE, desde que enviem suas monografias para o Serviço de Publicidade do Instituto (PB), rua Pedro Lessa, 27 — 12º andar. Para este serviço devem ser endereçadas todas as cartas solicitando informações sobre as bases e a exigência do concurso, que terá como uma de suas características admitir crítica construtiva, mesmo porque uma das finalidades desse empreendimento é a busca de sugestões e novos dados sobre tão palpitante assunto de interesse social.

Os trabalhos serão julgados em setembro de cada ano, devendo as inscrições serem feitas sob pseudônimo. Uma comissão especializada efetuará o julgamento.

O primeiro prêmio será de Cr\$ 30.000,00; seguindo-se ainda prêmios de Cr\$ 20.000,00 e Cr\$ 10.000,00, sendo a metade paga em apólices quitadas de Seguro de Vida.

Os trabalhos serão publicados pelo IPASE, que entretanto não reterá os direitos autorais dos mesmos.

As inscrições estarão abertas entre 1º de janeiro e 31 de março de 1949, devendo os interessados procurar informações e pormenores, mesmo por carta, no

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO

Serviço de Publicidade

Rua Pedro Lessa, 27 — 12.º andar

Rio de Janeiro

ACABA DE SAIR

ODE AO CREPÚSCULO

de LÊDO IVO

“Poeta em ascensão, em plena consciência de suas forças criadoras, é o Sr. Lêdo Ivo o mais completo e poderoso representante dessa geração de vinte e poucos anos...”

Álvaro Lins — Jornal de Crítica, 5.^a série

“... uma das mais puras vocações literárias que já animaram as letras brasileiras.”

Gilberto Freyre

EDIÇÃO PONGETTI

A VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS OU PELO

REEMBÔLSO POSTAL

RUA SACADURA CABRAL, 240 - A

PROCURE ADQUIRIR AS OBRAS COMPLETAS

DE

Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, Fialho d'Almeida, Ramalho Ortigão, Camões, Sá de Miranda e Gil Vicente

OU OS LIVROS DE

Mário de Sá Carneiro, Camilo Pessanha, Cesário Verde, Miguel Torga, Gaspar Simões, Alves Redol, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, Raul Brandão e Aquilino Ribeiro

OU AS REVISTAS

Orfeu, Região, Caderno da Bahia, Joaquim, Atlântico, Mundo Literário, Vértice, Ocidente, Seara Nova e outras
(E também assinaturas de Orfeu)

A VENDA EM

LIVROS DE PORTUGAL

RUA GONÇALVES DIAS, 62

BREVE

PANORAMA DA JOVEM POESIA BRASILEIRA

antologia do movimento poético da nova geração
organizada por Fernando Ferreira de Loanda
prefaciada por Álvaro Lins

CANCIONEIRO DE ORFEU

coletânea de poemas do grupo "ORFEU" e dos jovens
poetas ligados à revista

CONTISTAS DA NOVA GERAÇÃO

antologia dos contistas "novos" mais representativos, en-
tre os quais se destacam Breno Accioly, Bernardo Ger-
sen, Maria Julieta Drummond de Andrade, Clarice Lispec-
tor, Waldomiro Autran Dourado e Murilo Rubião.

O DESERTO E OS NÚMEROS

poemas de Edson Regis

O PÁTIO

contos de Domingos Felix

EDIÇÕES ORFEU